**VOZES QUILOMBOLAS EM ESTUDOS CURRICULARES[[1]](#footnote-1)**

Maria Santos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo**: A pretensão desse escrito é articular modos outros de um fazer-pensar pesquisa no campo dos estudos do currículo, reconhecendo que esse fazer-pensar se dá em abertura impossível e incondicional ao exterior – na sensibilidade que atenta às vozes, às muitas vozes, que estão sempre a interpelá-lo, deslocá-lo, transformá-lo, fazendo tremer suas estruturas. Trata-se de um ensaio autobiográfico sobre vozes quilombolas em pesquisa dos estudos curriculares. Nele, pergunto: *Como dar voz às vozes quilombolas em uma autobiografia que não é produzida pelos quilombolas em estudos do currículo?* A partir do diálogo com Miller (2005), Butler (2017), Miller e Macedo (2018) e Santos (2022; 2023), lanço a aposta que vozes quilombolas em estudos curriculares estão na dimensão também do que se ouve da pesquisa e da escrita.

**Palavras Chaves**: Quilombolas. Estudos Curriculares. Autobiografia. Ouvido.

**Primeiro começo dizendo ...**

Este ensaio é sobre vozes quilombolas em pesquisa em educação. Na verdade, trata-se de uma conversa autobiográfica (sempre andando) sobre modos de aprontar pesquisa, e que se revela destoado do descritivo etnográfico, tão recorrente em pesquisas em áreas da educação e da antropologia. Sua pretensão é articular modos outros de um fazer-pensar pesquisa no campo dos estudos do currículo, reconhecendo que esse fazer-pensar é sempre em abertura impossível e incondicional ao exterior – à presença de vozes, muitas vozes, portanto, sempre sensível (Santos, 2022). A partir de um recorte teórico pós-estrutural, e longe da pretensão de fórmulas de modos de fazer pesquisa em currículo e em quilombolas (ou em qualquer marcador para a diferença), em diálogo com Miller (2005), Butler (2017), Miller e Macedo (2018) e Santos (2022; 2023), lanço a aposta que a autobiografia pós-estrutural pode assumir dois ou mais espaços: do sujeito que escreve e o sujeito narrado (Santos, 2022).

Para tanto, para esta aposta, faz-se preciso a pergunta: *Como dar voz às vozes quilombolas em uma autobiografia que não é produzida pelos quilombolas em estudos do currículo?* É ela que dá ressonância a este texto como um eco, um ponto, que já diz da sua possibilidade, pensando que a proposta **VOZES QUILOMBOLAS EM ESTUDOS CURRICULARES** está na dimensão (também) do que se ouve – sabendo que *o que houve* constitui também parte das narrativas de pesquisa.

**Novamente ... como dar voz às vozes?**

Reescrevo a pergunta: *Como dar voz às vozes quilombolas em uma autobiografia que não é produzida pelos quilombolas em estudos do currículo?* Começo pois dizendo que a possibilidade de dar voz ao outro é inaugurada por um assumir que o sujeito que escreve e o sujeito que dá a voz “é um lugar sem demarcação” (Santos, 2022, p. 14). Sabendo que, o lugar de quem escreve reconhece o diálogo das vozes, de todas as vozes, que está sempre imbricada na relação com o eu e o outro (Butler, 2017). Na lógica do que defende Miller (2005), Miller e Macedo (2018) e Santos (2022; 2023), trata-se de um movimento performático que encena a todo tempo uma fala e reúne uma série de eventos. Contudo, a fala e os eventos, só são possíveis na relação com o outro, já que, não existe um narrar sem relação. Não existe eu que não tenha história com um conjunto de relações (Butler, 2017; Santos, 2023). De certa forma, é isso que começa a responder o *dar voz* às vozes quilombolas em estudos curriculares – um assumir que toda autobiografia ou narrativa é atravessada por um conjunto de relações. E, portanto, não é uma narrativa individual. Não pode ser construída de forma individual, pois toda história é “implicada numa relação com o outro diante de quem falo e para quem falo” (BUTLER, 2017, p. 26).

Aliás, a proposta de um autobiografia pós-estrutural alude saber que seu fazer sempre estabelece a *relação* com o eu e o outro; e não só a relação, mas uma *interpelação,* que pede que a façamos. Em Butler (2017), a pesquisadora responde a narrativa e a interpelação como um ato de que à linguagem pertence logo ao outro, e portanto, estamos sempre à deriva de sermos interpelados. Assim, ninguém conta uma história sem antes ser convocado, sem antes ser interpelado. Na defesa de Santos (2022), trata-se de um convite para dizer de um acontecimento, sendo que o acontecimento é o que torna possível a relacionalidade do encontro. Desse modo, a abertura para, nas pesquisas curriculares, falar de questões de reconhecimento, de diferença, de currículo, de políticas, de teoria curricular, de vida dos sujeitos etc.; e que acabam produzindo outras suposições de discursos sobre o quilombola.

É falando do acontecimento – estando em interpelação – que as vozes quilombolas se anunciam e se colocam como um *estar sendo* em textos narrativos ou autobiográficos. Não se trata de descrever ou apresentar os relatos para fins de confirmar as histórias, mas fazer dela a própria teorização. Eis aqui um segundo argumento para *dar voz* às vozes quilombolas em estudos curriculares. Ao invés de anunciar vozes como efeito de confirmação, fazer delas a própria empiria (Santos, 2022, Miller, 2005). Algo que só creio ser possível em desconstrução. E a desconstrução não é um desmonte e nem uma destruição. Trata-se, do abandono de antigas crenças para modos de fazer pesquisa como método único que elabora hipóteses e resultados fechados (Santos, 2023). Isto situa que desconstrução na teoria pós-estrutural em educação é um modo de pensamento, “que desestabiliza as certezas da tradição do discurso da educação e expõe aspectos nunca inteiramente concebidos” (Santos, 2023, p. 3). Um esforço nada ingênuo que reconhece nesse aprontar pesquisa, uma escrita sujeita a fugas, expondo que os dados das pesquisas não são apenas dados coletados, gerado no campo, mas tencionado a ser a própria teoria.

Então, na linha de *dar voz* às vozes quilombolas em estudos curriculares, a narrativa opera em um campo que não diz “de um contexto de resgate por inteiro ao espaço pesquisado” (Santos, 2023, p. 33), mas sim, do campo da enunciação. O que exige estar disposto a abrir mão para modos ocidentais de fazer pesquisa. Inclusive, pensar o que seria a própria pesquisa, na linha que, talvez, tenha que negar que somente os dados coletados é que dão qualidade ao que apresentamos como narrado. Um arriscar fazer pesquisa desaprendendo sobre métodos e suas abordagens metodologias, questionando as escolhas de estudos, intenções e material teórico (Miller, 2015; Santos, 2022; 2023). O que sem dúvida leva a um dar *voz* nada simples. Do contrário, um *dar voz* que não estrutura os acontecimentos, e sim, funde, rasura, a própria experiência, o próprio acontecimento.

O que aposto, é um experimentar fazer pesquisa sobre aquilo que se ouve das vozes, pois é o ouvir que assume as muitas vozes – nossa e dos quilombolas – sem deixar de reconhecer o que houve da interpelação – do eu e do outro e de nós. Um convite para perceber de ouvido o que ficou de mudo da pesquisa. Quais palavras podem encontrar a narrativa, e em quais direções dar a voz, ressoar a voz, que sempre foi parte do estudo. Um processo de absorção de um efeito ressoante de quem assume que ninguém faz pesquisa sem a relação com muitas vozes – essas que nunca são as mesmas, mas, sempre diferentes.

**Ponto final**

Toda escrita seja ela acadêmica ou ficcional exige expor a percepção de sentidos de ouvido. É verdade que por haver um rigor acadêmico de formas de fazer pesquisa, muitas vozes ficam mudas, o que não significa que não emitem sons, barulhos. Assim, eu termino esse meu ensaio falando da audição como algo sensível à pesquisa em estudos curriculares e que dá voz a quilombolas. Não estou dizendo para ouvir sobre as vidas dos sujeitos ou sobre a própria leitura de uma escrita e logo narrar a escuta, mas perturbar-se com ela. Interpelar o que fora recebido ao ouvido. De certa forma, é isto que faz uma escrita autobiografia nos estudos curriculares a dar voz a qualquer marcador da diferença. Poderia até dizer que está é a marca diferencial de uma autobiografia pós-estrutural. Uma escrita que não se abre a ouvir as manifestações das vozes – do eu e do outro e do nós – está sujeita a falar apenas do que fora dito, sem se dar conta que o não dito tem muito a enunciar. Então, por fim, pergunto: O que agora você ouve?

**Referências**

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo:** crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MILLER, Janet L. **Sounds of silence breaking:** Women, autobiography, curriculum. New York: Peter Lang, 2005.

MILLER, Janet L.; MACEDO, Elizabeth. Políticas públicas de currículo: autobiografia e sujeito relacional. **Práxis Educativa**, v. 13, n. 3, p. 948- 965, 2018.

SANTOS, Maria. Narrar histórias de pesquisas e fazer pesquisa com a autobiografia. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 21, p. 1-19, 2023.

SANTOS, Maria do Socorro dos. **“Cada outro é cada outro”:** do currículo e diferença em quilombola do Arrojado. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

1. Pesquisa realizada com o apoio financeiro do CNPq. [↑](#footnote-ref-1)